

NOTAS PARA UMA DIATRIBE: O EMBATE ENTRE CIRNE LIMA E PASQUALINI ¹

Letícia Pereira Pimenta²

Os contendores visam sempre as reações do público e a recepção do debate com o intuito de atingir a comunicação com o leitor. Sendo assim, da mesma maneira como os romancistas divulgavam seus livros, os polemistas também utilizavam a imprensa como meio de difusão de seus nomes e ideias (VENTURA, 1991, p. 148).

Deste modo, além de o jornal se estabelecer como um poderoso meio de difusão de notícias, foi através dele que a intelectualidade brasileira expressava suas ideias no final do século XIX. A respeito, Sylvio Romero preleciona: “o jornalismo tem sido o animador, o protector, e, ainda mais, o creador da literatura brasileira ha cerca de um século a esta parte. (...). É no jornal que têm todos estréado os seus talentos; nelle é que têm todos polido a linguagem, aprendido a arte da palavra escripta” (BARRETO, 1908, p. 49).

Uma vez que a prática da polêmica na imprensa se transformava em um espaço de debate público, uma espécie de tribuna em que os polemistas não só defendiam ideias e valores, como também construam sua imagem pública a partir da desconstrução do outro. O discurso polêmico entranhado na experiência brasileira e envolto pela apropriação das ideias evolucionistas atribui à polêmica um papel importante no processo de seleção de obras e autores, em uma espécie de *struggle for life* literário.

A polêmica, por conseguinte, uma pequena “guerra” travada entre escritores, jornalistas, homens de letras em geral em cujas opiniões se contrapõem. Polemizar é, portanto, proceder ao embate público de ideias, sentimentos, ou mesmo ressentimentos que se esgrimem “empunhando as plumas”. A polêmica pode assumir distintas formas. O embate se inicia quando um dos antagonistas incita uma reação no adversário através de

1 RESENHA DE: FELONIUK, Wagner. 1928, uma polêmica do pós guerra: Ruy Cirne Lima, estado moderno e novas ideias. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2021.

2 Graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Especialista em Direito do Estado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Fundamentos Teórico Filosóficos da Experiência Jurídica. Doutora em Comunicação Social em Política e práticas profissionais na comunicação. Pós doutoranda em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia, História da Educação História dos Intelectuais, História das Ideias e enlaces inter e transdisciplinares com as outras ciências. Pesquisadora na área de discurso dissidente e retórica. Pesquisadora do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

ataque escrito em um periódico, que funciona tal como um convite formal ao duelo de ideias. A opinião pública empatiza com as discussões acaloradas que encetam o teor do discurso polemista que transita e flui com sutileza entre o oral e o escrito.

Sendo assim, o livro parte de um embate de ideia, ocorrido entre agosto e setembro de 1928, capitaneado por Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini. A polêmica é composta de oito artigos, sete dos quais publicados no Diário de Notícias e um publicado em um periódico do Rio de Janeiro. O intuito era analisar “os efeitos da Guerra na Europa sobre seus afetados lá e no Brasil” (FELONIUK, 2021, p. 10).

No primeiro capítulo, *A Era de Leviathan*, Cirne Lima procura contrastar o Estado democrático com suas formas opostas, no caso o absolutismo, prelecionando que ambos partem do mesmo fundamento: o homem. Tão-somente a cultura é distinta. Carrel prelecionava que existem circunstâncias que degradam os tecidos que, alheios ao corpo, humano e sob vida própria, não mais preenchem suas funções próprias. Sendo assim, o autor, sob os estudos de Carrel, se pergunta: esta lição se aplicaria à teoria do Estado?! Pawlowski entende que sim. O autor concebe deste modo a forma latente do Leviathan, em pleno século da democracia. Destarte, de acordo com Cirne Lima, “já o velho animal político se teria ajustado integralmente às curvas inflexíveis da nova disciplina social, abdicando da harmonia do conjunto, a troco de um equilíbrio particularizado, de uma felicidade estrita e vitalícia” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 58). A pergunta crucial é: a cultura que agora se formava seria apta a criar um ideal ou forjaria uma degradação? O homem moderno sendo assim tornar-se-ia um cativo do presente, absorto em sua condição, sem noção da conjuntura em que se insere.

No segundo capítulo, *O Após Guerra*, redigido também por Cirne Lima, continua a linha de raciocínio iniciada no primeiro capítulo. O mesmo inicia com a seguinte indagação: existe uma mentalidade de após-guerra? A questão da guerra como sintoma dos novos tempos ressurgiu, assim como reaparece a questão do novo intelectualismo. O autor não preleciona que haja uma mentalidade comum do após guerra, senão uma mentalidade que partilham alguns e que teve efeitos severos sobre o pensamento e a cultura” (FELONIUK, 2021, p. 39-40). Esta mentalidade desembocou no puro intelectualismo e na pura estética. Consoante a interpretação de Feloniuk, “A guerra teria rompido as barreiras desse “cientismo” e, ao acabar, refluuiu, deixando um vácuo, e este foi preenchido por um silêncio “humilde”, um silêncio que havia subvertido a ética, a estética, a economia e a política para tentar reconduzir a novos valores e novas formas. Um campo no qual a afe-

tividade e a emoção teriam um papel bastante maior’ (FELONIUK, 2021, p. 40). O calor do momento, sendo assim, levou a uma ascensão do sentimento religioso, que promove um retorno ao medievalismo.

No terceiro capítulo intitulado Novo Renascimento, o autor preleciona continuamente que, em curto lapso de tempo, a guerra “teria feito desaparecer quatro séculos e cultura. Nossos ancestrais não se cansavam de procurar minudentemente compreender o todo. Desta agonia eis que surge uma maneira de pensar inteiramente nova. Consoante Ruy, “o choque de uma corrente antagônica definiu, poliu e afirmou um pensamento novo” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 63). Nesta ambiência, o humano voltou as costas para o mundo cientista e se abriu para a unidade mística, buscando novas formas – religiosas – de explicitar o mundo. Falando do Brasil, o autor recorda que o país não deu continuidade às expressões culturais de outrora, tendo sido afetado por esta nova mentalidade, a despeito da distância da guerra. Sendo assim, o novo momento teria se voltado para o que de mais simples e trivial oriundo do restante do cenário mundial. No entanto, o essencial se manteve. Esta nova mentalidade inaugura uma nova renascença, uma era em que o homem a perquire “como uma época distinta e de caráter próprio” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 66).

No quarto capítulo, Cirne Lima segue falando sobre a renascença católica que, segundo ele, promoveu a falência do racionalismo e o advento de outros valores, inclusive religiosos, em contraposição ao pensamento cientificista e a insuficiência da lógica. De acordo com o autor, “a primazia no pensamento moderno cabe pois, à estética, em oposição à lógica. A obra cultural dos homens de hoje é de realização e não de pesquisa – de síntese e não de análise” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 68). Em que pese a guerra não tenha se manifestado na América, seus efeitos por aqui se instalaram: na Inglaterra, Bertrand Russel; na França, Jacques Maritain e Henri Massis; no Brasil, Jackson de Figueiredo, Renato Almeida e Tasso da Silveira e no Rio Grande do Sul, Armando Câmara.

No quinto capítulo, desenvolve as ideias opostas de Pasqualini, que finalmente resolve se posicionar. De acordo com Feloniuk, “Pasqualini trata Cirne Lima com respeito, mas como um jovem pensador que não se fizera suficientemente claro no seu pensamento” (FELONIUK, 2021, p. 43). Pasqualini estava de acordo com Cirne Lima no que diz respeito aos efeitos da guerra, discordando, no entanto, acerca da derrocada do racionalismo e o advento da emotividade e da religiosidade que, segundo ele, houve, uma vez que “a dor e o medo nos aproximam da divindade” (PASQUALINI apud FELONIUK, 2021, p. 75). Os argumentos de Pasqualini não são filosóficos, senão científicos, à medida que concebe a vida como uma eterna adaptação,

e enquanto efeito da guerra uma readaptação do psiquismo individual e social as novas condições de vida afetadas pela guerra. Consoante Pasqualini, “É exatamente nesse período de instabilidade que surgem novos sistemas morais, políticos, literários e filosóficos com todos os exageros do momento e trazendo, no mais das vezes, no próprio embrião, a causa que os há de aniquilar” (PASQUALINI apud FELONIUK, 2021, p. 73). E é neste momento que surge o sentimento religioso que prospera em instantes de desespero mas que já se encontrava em breve declínio. Consoante Feloniuk, “Pasqualini discorda que essa aproximação da religião tenha mudado de alguma forma a lógica humana, levando à sua falência ou a um comportamento permanentemente novo. O pensamento humano não teria mudado em definitivo” (FELONIUK, 2021, p. 44-45). Pasqualini preleciona que a guerra em nada modificou as diretrizes do pensamento humano. Mudou, sim, as condições sociais e individuais ocasionando um desequilíbrio das atividades psíquicas. Sendo assim, a mudança de mentalidade somente ocorre mediante a adaptação do indivíduo e da sociedade às mudanças do meio. De acordo com o autor “quando os fenômenos secundários se desanuviam do campo das consciências, então poderemos dizer, com certeza, como será uma nova mentalidade” (PASQUALINI apud FELONIUK, 2021, p. 76).

No sexto capítulo, intitulado “A mentalidade nova”, Cirne Lima reargue as ideias de Pasqualini, sobremaneira naquela parte em que sofre críticas sobre como seria o pensamento do pós-guerra e sua possibilidade de modificação. De acordo com o autor, “a filosofia racionalista de Descartes a Comte e Spencer, caracteriza-se, fundamentalmente, pelo papel central que atribui à razão na nossa vida psíquica” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 77). A reação ao racionalismo partiria de Bergson; “a teoria de Bergson, contudo, como toda reação representa um exagero proporcional ao exagero que pretende corrigir.” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 80). Bergson, desenvolve o intuicionismo em reforma do positivismo de Comte e Spencer. O autor preleciona que razão e intuição são complementares, não podendo, portanto, serem colocadas em oposição uma à outra. Esta reação ao racionalismo, sendo assim, teria se popularizado no pós guerra. E nos países latinos, ressurgiu o neotomismo e a tradição de culto. Feloniuk aponta que foi a guerra quem teve o papel de afastar, de modo acelerado, a racionalidade, aumentando o papel da afetividade, uma reação ao positivismo racionalista”. (FELONIUK, 2021, p. 46). Então, Cirne Lima traz rápidas críticas à polêmica. Diz inicialmente que jamais decretou a falência da lógica, que seus escritos não foram trazidos à colação por Pasqualini, e que “parte de seu artigo não fora trazido à discussão de Pasqualini, por um esquecimento do interlocutor, e que não apenas falhara em apanhar sua lógica no todo, como havia seguido com uma imputação injusta de confundir

termos e ideias filosóficas” (FELONIUK, 2021, p. 47). O autor também aduz que jamais negou uma reabilitação do racionalismo. Nestes termos, o autor de seu lado põe fim à contenda.

No sétimo capítulo sob o título ‘A falência do racionalismo’, Pasqualini preleciona que Cirne Lima perdeu a compostura, a serenidade própria do filósofo ao deixar transparecer que Pasqualini houvera lhe “fraudado o pensamento”. Pasqualini aduz que quem desse que o autor havia interpretado mal seu pensamento, para então retificá-lo. Todavia, “as suas afirmações lá estão, sem que nenhum de nós as possa agora modificar”. (PASQUALINI apud FELONIUK, 2021, p. 83). Para Pasqualini, a linguagem do filósofo deve ser simples, precisa e concisa; já ao poeta cabe ser paradoxal e contraditório. “O poeta supera o filósofo” em Cirne Lima, diz Pasqualini, prelecionando que “muito mais vale um poeta do que um filósofo”. (PASQUALINI apud FELONIUK, 2021, p. 83) Sendo assim, Pasqualini responde à contenda trazendo à colação trechos da disputa. Afirma a inocência de sua memória e que as afirmações de Cirne Lima que são temerárias. Cirne Lima segundo Pasqualini atribui à lógica funções que não lhe são próprias e tão somente em função disso teria falido. Para Pasqualini, “o sr Cirne Lima é um discípulo de Hegel, pois que saboreia, com verdadeira volúpia, o paradoxo e a contradição. Sabemos que um dos princípios fundamentais da lógica do grande filósofo de Stuttgard, era o da “identidade dos contraditórios”: o ser e o não ser são a mesma coisa” (PASQUALINI apud FELONIUK, 2021, p. 86). A religião, na sua parte racional, assevera o autor, é uma afirmação eloquente do racionalismo. A teodiceia e a teologia são um corpo de doutrinas, de princípios e conclusões pretensamente racionais. Contradiz-se igualmente Cirne Lima ao dizer que a guerra trouxe a falência da razão e o renascimento da filosofia tomista. O neotomismo seria a própria escolástica rejuvenescida Pasqualini assevera que o interlocutor se contradiz ao asseverar que o pensamento do após guerra era caracterizado pela derrocada da racionalidade. Sugere assim que o autor releia Bertand Russel e concluísse que a mentalidade de outrora não seria intuicionista. Para o autor, “e basta de filosofia, que foi inventada para consolar os velhos e envelhecer os moços. Primo vivere, deinde philosophari” (PASQUALINI, apud FELONIUK, 2021, p. 88).

No derradeiro capítulo Cirne Lima, intitulado Racionalismo e catolicismo, preleciona que “a polêmica que comigo vinha mantendo o sr. Pasqualini, está terminada e bem terminada” (CIRNE LIMA apud FELONIUK, 2021, p. 89). Afirma o autor que Pasqualini estava alheio à discussão, o assunto agora é outro e o antagonista também é outro. Não estaria mais discutindo seus argumento, senão a busca de contradição nos argumentos apresentados, saindo da arena antes do combate final. Começa então Cir-

ne Lima a criticar pontualmente as teses de Pasqualini. Procura então demonstrar a incoerência de seus argumentos, algumas vezes concordando e noutras discordando com o autor. E com isso dá por encerrada a discussão.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, João Paulo C. ("João do Rio"). *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.
- FELONIUK, Wagner. *1928, uma polêmica do pós guerra: Ruy Cirne Lima, estado moderno e novas ideias*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2021.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil: 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Submetido em 28/11/2022

Aceito em 28/11/2022